

UNIVERSIDADE CANDIDO MENDES
PÓS-GRADUAÇÃO “LATO SENSU”
PROJETO A VEZ DO MESTRE

NADA MAIS SÉRIO QUE UMA CRIANÇA BRINCANDO: A
CONQUISTA DA VERDADEIRA APRENDIZAGEM
ATRAVÉS DA LUDICIDADE

Por: Giselle Maio da Cunha

Orientador
Prof. Ms. Fabiane Muniz

Rio de Janeiro
2004

UNIVERSIDADE CANDIDO MENDES
PÓS-GRADUAÇÃO “LATO SENSU”
PROJETO A VEZ DO MESTRE

NADA MAIS SÉRIO QUE UMA CRIANÇA BRINCANDO: A
CONQUISTA DA VERDADEIRA APRENDIZAGEM ATRAVÉS
DA LUDICIDADE

Apresentação de monografia à Universidade Candido Mendes como condição prévia para a conclusão do Curso de Pós-Graduação “Lato Sensu” em Psicopedagogia.

Por: .Giselle Maio da Cunha.

AGRADECIMENTOS

....aos meus pais, marido, parentes,
amigos, colegas de trabalho, etc.....

DEDICATÓRIA

.....dedico ao meu filho (a) que chegará
ao mundo daqui alguns meses.

RESUMO

Nossa grande preocupação é a dificuldade dos profissionais de ensino na identificação de atividades que envolvam uma ação necessariamente lúdica. Tal dificuldade se deve à falta de conhecimento causada pelo não acesso teórico-prático.

Ensinar/aprender deve ser uma experiência feliz, alegre, plena de trocas e de descobertas.

Acreditamos que quem trabalha com crianças seja um profissional estratégico para o futuro do país. Teimamos, na prática, em acreditar que é possível fazer parte do mundo moderno sem base educativa adequada.

Percebemos ao vivenciar o universo família X escola o quê a falta da valorização da ludicidade poderá causar no desenvolvimento infantil.

Podemos assim concluir que somente através da conscientização dos profissionais de educação para reconhecer que não há nada mais sério que uma criança brincando e da importância de um trabalho de base psicomotor, através da valorização da ludicidade e a experiência pessoal de cada criança poderemos conquistar uma aprendizagem significativa.

METODOLOGIA

O método utilizado nesse estudo foi uma pesquisa bibliográfica. Esse trabalho foi elaborado através de fichamentos feitos em cada livro lido e a partir disso, iniciou-se o processo dessa produção.

Baseado nos estudiosos como: Piaget, Vygotsky e Winnicott pôde se fundamentar teoricamente os argumentos propostos.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	08
CAPÍTULO I - Brincar é coisa séria	11
CAPÍTULO II - Criatividade para quê?	21
CAPÍTULO III – A importância da Educação Infantil	30
CONCLUSÃO	4?
BIBLIOGRAFIA CONSULTADA	5?
ANEXOS	6?
ÍNDICE	7?
FOLHA DE AVALIAÇÃO	8?

INTRODUÇÃO

É muito importante perceber o significado do brincar para a criança. Na sociedade em que vivemos, os brinquedos estão cada vez mais sofisticados satisfazendo muitas vezes mais aos adultos do que as crianças. É necessário que conheçamos as reais necessidades do desenvolvimento infantil para podermos assim, proporcionarmos as oportunidades de que os educandos tanto precisam.

A criança através da brincadeira consegue criar uma ponte entre o real e o imaginário. Ao brincar, explora-se as emoções, cria-se hipóteses e organiza-se o pensamento fazendo uso da linguagem e da criatividade. É extremamente importante a forma que o brinquedo é explorado pela criança.

Portanto, o ato de brincar é importante, é terapêutico, é prazeroso, e o prazer é ponto fundamental da essência do equilíbrio humano.

A ludicidade é uma necessidade interior, tanto da criança quanto do adulto. Por conseguinte, a necessidade de brincar é inerente ao desenvolvimento.

O ato de brincar pode incorporar valores morais e culturais em que as atividades lúdicas devem visar à auto-imagem, à auto-estima, ao autoconhecimento, à cooperação, porque estes conduzem à imaginação, fantasia, criatividade, criticidade e outras vantagens que fazem moldar vidas, fazendo com que a criança desenvolva o processo de suas habilidades.

Cabe ao adulto estar preocupado com o resgate do espaço, do tempo e da naturalidade do brincar infantil. Se isso não for motivo de preocupação

e reestruturação, as nossas crianças serão cada vez mais adultas, precocemente responsável e possivelmente infeliz.

O período em que estamos numa sala de aula precisa ser de muito encantamento, ou seja, precisa ser mágico. Quando criamos um ambiente apropriado para que a criança sinta-se atraída pelo instante em que está na escola, estamos propiciando um espaço favorável para envolvê-la.

Toda relação humana estabelecida com a criança é essencialmente educativa podemos então dizer, que os papéis da família e da escola aparecem entrelaçados.

A formalização da educação infantil, exigirá pessoal especializado com o objetivo de atender as necessidades de comunicação, arte, ludicidade e área cognitiva, predispondo e proporcionando condições favoráveis para o ingresso do educando na educação fundamental.

Existem fatores que determinam a construção do conhecimento, nada acontece sem que o educando possua condições para aprender. À medida que o tempo o ser humano vai amadurecendo.

Essa maturação e o processo de aprendizagem são individuais no aluno, cada criança aprende do seu jeito porque recebe estímulos diferentes em casa e portanto, chega na escola com uma bagagem de experiência distinta do amigo.

Baseado na revisão de literatura, pretendemos investigar no universo escola x família o que a falta da valorização da ludicidade poderá causar no desenvolvimento infantil.

Re-significar a aprendizagem, torna-se um objetivo para que a experiência do aprender tenha real significado.

Ao trabalharmos o ser de forma total, podemos favorecer o seu desenvolvimento integral, dando condições para que ele construa o seu conhecimento e seu processo de aprendizagem ao longo da vida.

Conscientizar os educadores que tudo isso só será possível através de uma educação de base psicomotora.

CAPÍTULO I

BRINCAR É COISA SÉRIO

“O homem só é realmente homem, quando brinca”

(VELASCO, 1996, p.44)

Faremos primeiramente um breve histórico sobre o brincar.

Desde a origem da civilização, o brincar é reconhecido como uma atividade dos adultos e das crianças. Na antiguidade, as crianças participavam das festividades e lazer dos adultos, mas tinham um ambiente separado para os jogos. Estes ocorriam em praças públicas, espaços livres, sem a orientação e supervisão dos adultos.

Com o progresso social da civilização verificamos que as crianças estavam em um grupo separado dos adultos. O brincar transformou-se no trabalho infantil.

No decorrer dos tempos percebemos que a socialização era necessária, pois a criança que relaciona-se com outras pessoas vai gradualmente interiorizando os valores e ideais daquele grupo.

Quando vemos uma criança brincando, podemos dizer que nesse momento ela está se relacionando com o mundo sendo uma forma de exteriorizar os sentimentos através do concreto. É a maneira de relacionar-se com o próprio mundo e com o outro, é descobrir o mundo real e o do faz-de-conta.

Para Cunha (1994), é através do brincar que a criança desenvolve suas potencialidades. Os desafios que estão ocultos no brincar fazem com que a criança pense e alcance melhores níveis de desempenho.

O ato de brincar possibilita a criança aprender. Brincando ela aprende novos conceitos, adquire informações e tem um crescimento saudável.

A criança é um ser curioso e imaginativo, está sempre experimentando o mundo e precisa explorar todas as suas possibilidades. É

brincando que ela adquire experiência. Brincar, acima de tudo brincar com liberdade, é uma das condições para estimular, principalmente, a criatividade.

Todo aprendizado que o brincar permite é fundamental para a formação da criança, em todas as etapas da sua vida. Não podemos mais negar nos dias de hoje, a importância da atividade lúdica na vida e no desenvolvimento do educando.

1.1– O Jogo

“ Jogar é aprender, estar junto, conhecer o meio ambiente, cooperar”.

(VELASCO, 1996)

Antes de falarmos sobre a importância e o significado do jogo na vida da criança, veremos a definição em dois diferentes dicionários.

Segundo Larousse(1982), jogo é a ação de jogar; folguedo; brinco; divertimento. Seguem-se alguns exemplos: jogo de futebol; Jogos Olímpicos; jogo de damas; jogos de azar; jogo de palavras; jogo de empurra.

Segundo Ferreira(1989), **1.** Atividade física ou mental fundada em sistema de regras que definem a perda ou o ganho. **2.**Passatempo.

O valor do jogo reside nas três funções que ele assume: desenvolvimento, socialização e aprendizagem.

Podemos perceber, que o jogo por si só, se constitui em ação e assim, está associado ao movimento. O jogo permite que a criança adapte-se de forma mais rápida e melhor ao meio social.

Os jogos de construção proporcionam a oportunidade da criança desenvolver e resolver dificuldades como equilíbrio, ordenação e resistência.

As atividades espontâneas ou livres são importantes, pois permitem observarmos a criatividade, comunicação, troca de materiais com os amigos, etc.

O jogo carrega em si um significado muito abrangente. Ele tem uma carga psicológica, porque é revelador da personalidade do jogador (a pessoa vai se conhecendo enquanto joga). Ele também faz parte da criação cultural de um povo (resgate e identificação com a cultura).

O jogo é construtivo porque pressupõe uma ação do indivíduo sobre a realidade. É uma ação carregada de simbolismo, que dá sentido à própria ação, reforça a motivação e possibilita a criação de novas ações.

Piaget (1975), dedicou-se a estudar os jogos e chegou a estabelecer uma classificação deles de acordo com a evolução das estruturas mentais:

- Jogos de exercício (0 a 2 anos) – Período sensório-motor;
- Jogos simbólicos (2 a 7 anos) – Período pré-operatório;
- Jogos de regras (a partir de 7 anos).

Jogos de exercício

A principal característica da ação exercida pela criança no período sensório-motor é a satisfação de suas necessidades. Aos poucos ela vai ampliando seus esquemas, adquirindo cada vez mais a possibilidade de garantir prazer por intermédio de suas ações. Passa agir por prazer e é este prazer que traz significado à ação.

Jogos simbólicos

Este tipo de jogo predomina dos 2 aos 7 anos de idade, ou seja, no período pré-operatório do pensamento descrito por Piaget. No jogo simbólico a criança já é capaz de encontrar o mesmo prazer que tinha anteriormente no jogo de exercício, lidando agora com símbolos. O jogo simbólico sofre modificações à proporção que a criança vai progredindo em seu desenvolvimento.

Jogos de regras

Os jogos de regras são necessários para que as normas sociais e os valores morais de uma cultura sejam transmitidos a seus membros.

Não existe uma teoria aceita universalmente para “jogo”, pelo motivo deste ter se tornado objeto de estudo e analisado sob todos os prismas, passando a ser definido de formas diferentes; todas as teorias discutidas visam apenas o entendimento do comportamento lúdico. No processo educacional a utilização de jogos é sugerida como facilitadora para a aprendizagem e para o desenvolvimento infantil.

O jogo se caracteriza por transformações, como todas as atividades lúdicas, por ser uma atividade dinâmica, capaz de transformar-se com o contexto, de um grupo para o outro.

Uma das qualidades mais importantes do jogo infantil é o de ser essencialmente dinâmico.

1.2 – O Brinquedo

“ O brinquedo é tão importante para a criança como o alimento, pois é na relação com ele que ela elabora a sua imagem corporal”.

(VELASCO, 1996)

Antes de falarmos sobre a importância e o significado do brinquedo na vida da criança, veremos a definição em dois diferentes dicionários.

Segundo Larousse(1982), brinquedo é o objeto destinado a divertir uma criança.

Segundo Ferreira(1989), brinquedo é o objeto para as crianças brincarem. **2.** Jogo de criança; brincadeira.

De acordo com Cascudo (1962), brinquedo é o objeto com o qual se brinca e também a própria ação de brincar.

De acordo com Araújo (1962), brinquedo é o objeto com o qual a criança se diverte sem que haja necessariamente uma disputa.

Os primeiros brinquedos surgiram no próprio ambiente familiar. Eram bonecas de palha, argila, ou pano, cavalinhos de madeira, bolas rudimentares e carrinhos de lata confeccionados artesanalmente.

O brinquedo é a ferramenta do brincar infantil. Tudo aquilo que estimula a criança a descobrir, inventar, analisar, comparar, diferenciar, classificar, etc. é sem dúvida muito importante na sua formação geral e no conhecimento infantil. Ele é sem dúvida um elemento do interesse infantil, portanto promove a atenção e concentração da criança, induzindo-a a criatividade e ao conhecimento de novas situações, palavras e habilidades.

Movidos pelo prazer de semear a alegria, os brinquedos fazem brotar felicidade em toda parte. Podem ser simples ou rebuscados com sua originalidade e criatividade que evocam as melhores lembranças da infância, resgatam o autêntico significado do brincar, preservam valores e tradições da cultura de um povo.

De acordo com Vygotsky (1993), podemos analisar o brinquedo do ponto de vista psicológico, atribuindo-o um papel importante, ou seja, aquele que preenche uma atividade básica da criança, pois se torna um motivo para a ação.

Segundo o autor, a criança pequena tem uma necessidade muito grande de satisfazer os seus desejos imediatamente. Quanto mais jovem for a criança, menor será o espaço entre o desejo e sua satisfação. Na educação infantil há uma grande quantidade de tendências e desejos não possíveis de serem realizados de imediato, e é nesse momento que os brinquedos são inventados, justamente para que a criança possa experimentar tendências irrealizáveis.

A impossibilidade de realização imediata dos desejos cria tensão e a criança se envolve com o ilusório e o imaginário, onde seus desejos podem ser realizados e este é justamente o mundo dos brinquedos.

Para Vygotsky (1991), a imaginação é um processo novo para a criança e constitui uma característica típica da atividade humana consciente. É certo, porém, que a imaginação surge da ação e é a primeira manifestação da emancipação da criança em relação às restrições situacionais. Isso não significa necessariamente que todas as vontades não-satisfeitas dão origem aos brinquedos.

Através do brinquedo a criança instiga a sua imaginação, adquire sociabilidade, experimenta novas sensações, começa conhecer o mundo, trava desafios e busca satisfazer sua curiosidade de conhecer tudo.

O brinquedo é um meio de demonstrar as emoções e criações da criança. No brinquedo o modo de pensar e agir de uma criança são diferentes dos adultos. Isso acontece quando eles preferem brinquedos mais simples (que às vezes até mesmo fabricam) aos sofisticados.

Os brinquedos são parceiros silenciosos que desafiam as crianças. Cada brinquedo faz nascer na criança um mundo de surpresas.

O brinquedo desempenha muitas funções, tais como: o pensamento criativo, o desenvolvimento social e emocional.

Para a criança o brinquedo significa um pedaço do mundo que ela já conhece, e o resto do mundo ela ainda vai explorar, conhecer. É muito interessante observar crianças brincando, temos condições de melhor conhecê-las e entendê-las.

O brinquedo não é apenas um objeto que as crianças usam para se divertirem e ocuparem o seu tempo, mas é um objeto capaz de ensiná-las e torná-las felizes ao mesmo tempo.

1.3 – A Brincadeira

“A criança aprende aquilo que vive”.

(VELASCO, 1996)

Antes de falarmos sobre a importância e o significado da brincadeira na vida da criança, veremos a definição em dois diferentes dicionários.

Segundo Larousse(1982), brincadeira é a ação de brincar, divertimento. Gracejo, zombaria.

Segundo Ferreira(1989), brincadeira é o ato ou efeito de brincar. **2.** Brinquedo. **3.** Entretenimento, passatempo, divertimento, brincadeira. **4.** Gracejo, pilhéria.

De acordo com Winnicott (1975), a brincadeira é universal e própria da saúde facilitando o crescimento.

Para Winnicott (1979), a brincadeira é a prova evidente constante da capacidade criadora, que quer dizer vivência. As brincadeiras servem de elo, por um lado, a relação do indivíduo com a realidade interior, e por outro lado, a relação do indivíduo com a realidade externa ou compartilhada. Os adultos contribuem pelo reconhecimento do grande lugar que cabe à brincadeira e pelo ensino de brincadeiras tradicionais, mas sem obstruir nem adulterar a iniciativa própria da criança.

“A criança adquire experiência brincando. A brincadeira é uma parcela importante da sua vida”. (WINNICOTT, 1979, p.163).

As crianças precisam atravessar diversos estágios no aprendizado de brincar em conjunto antes de serem capazes de aproveitar as brincadeiras

de grupo. Mesmo depois que elas ganham confiança em brincar com outras crianças ela ainda gostará, às vezes, de voltar a brincar sozinha ou apenas na presença de amigos, sem colaboração de alguma parte.

Podemos identificar diferentes tipos de brincadeiras sob o ponto de vista da participação social, cada um deles implicando num maior envolvimento entre as crianças e uma maior capacidade de se relacionar e se comunicar com os outros.

Nunca devemos esquecer que brincar é altamente importante na vida da criança, primeiro por ser uma atividade na qual ela já se interessa naturalmente e, segundo, porque desenvolve suas percepções, sua inteligência, suas tendências à experimentação.

Por fim, podemos concluir que a brincadeira é o verdadeiro impulso da criatividade.

CAPÍTULO II

CRIATIVIDADE PARA QUÊ?

“Na criança encontramos a intuição, a criatividade, os impulsos espontâneos e a alegria”.

(VELASCO, 1996, p.44)

Durante toda nossa prática pedagógica algumas questões nos inquietam, como por exemplo: O que é criatividade? Ela é inata ou pode ser desenvolvida? Qual a importância da criatividade para a educação?

Verificaremos então o significado da palavra criar segundo Amora(1998), **1.** Dar existência a; **2.** Dar o ser a; gerar; **3.** Inventar; **4.** Formar-se pela educação.

A criatividade faz com que o sujeito participe mais da vida o que gera um sentimento profundo de felicidade, uma auto-estima positiva e uma sensação de adequação. Tudo isso, é claro, aumenta a alegria de viver.

O individuo criativo, é importante para o funcionamento efetivo da sociedade, pois é ele quem pesquisa faz descobertas, inventa e promove as mudanças.

O reconhecimento, o apoio e o incentivo, por parte de pais e professores, são condições essenciais para o bom desenvolvimento da criança criativa, de auto-estima positiva, segura e equilibrada.

Quais as características de pais e professores que facilita a criatividade das crianças e adolescentes?

Baseando-nos em Virgolim (1994,p.49) pode-se citar:

- tratar seus filhos e alunos como indivíduos de valor;
- encorajá-los a serem independentes;
- servirem de modelos;
- mostrar a expectativa de um bom desempenho;
- reconhecer o trabalho criativo.

De acordo com a corrente humanista, o impulso criativo é uma das molas mestras do ser humano. Ele o impulsiona à ação construtiva e

eficiente, diante dos problemas do dia-a-dia, o que gera prazer e traz a auto realização. A segurança e a liberdade psicológica são básicas para um comportamento criativo que é a expressão da saúde emocional.

Para Aríete (1979), O processo criativo possibilita ao homem realizar uma nova combinação daquilo que já existe sem que esta seja apenas uma reorganização do velho, mas que possibilite efetivamente a emergência de uma nova estrutura mental.

Diante do exposto, podemos constatar que a aprendizagem desenvolvida criativamente, pode favorecer ao individuo a elaboração de suas habilidades cognitivas de forma mais completa, levando-o a adaptar-se e a ser criativo na vida.

Apresentamos diversas opiniões importantes sobre o desenvolvimento e a expressão da criatividade humana. Observe que essas teorias tanto se contradizem quanto se complementam. Vamos refletir sobre a importância da criatividade para a educação.

2.1- Escola: uma oportunidade de motivar para criar

O nosso sistema educacional está voltado ainda para a reprodução do conhecimento, ao invés de preparar o aluno para a produção de idéias e de conhecimento. Outra característica antiga do ensino atual é de que a educação ainda esta voltada para o passado, para o domínio de fato já conhecidos.

Será que esquecemos de que o nosso aluno viverá a maior parte da sua vida no século XXI e de que terá de apropriar-se cada vez mais das informações, da tecnologia, para vencer desafios e, conseqüentemente, terá de desenvolver a capacidade de pensar de forma bem mais elaborada? Quantas vezes nossos alunos encontram nas suas escolas espaços para explorar, para descobrir, para pensar criativamente?

Mais sério ainda é verificar que, ate mesmo na época da educação infantil, cujo o objetivo sempre foi priorizar o espaço para a fantasia e para a imaginação ou para o jogo de idéias, isso não vem ocorrendo; sob o julgo das pressões sociais as crianças vem sendo trabalhadas e orientadas à aprender conteúdos tradicionalmente incluídos também em séries mais avançadas.

A criatividade como força vital, produz continuamente experiências e situações sem precedentes, consistindo um avanço para o novo, não mantendo apenas o novo, mas também produzindo formas completamente novas.

Podemos crer que cabe à educação, a função de desenvolver a imaginação da criança levando a recombina e produzir a novidade através da sua própria criatividade.

Kneller (1978), assinala que “o pensamento criador é pois, a ativação de conexões mentais que continuam até o aparecimento da combinação certa ou até que o pensador desista, isto é, que os ensaios e erros não tenham êxito”.

Após esta visão conceitual da criatividade, vamos considerar a importância da criatividade para a educação.

Ingressando no século XXI, vivemos uma época de inúmeras mudanças exigências e desafios. Precisamos preparar os sujeitos, nossos alunos, para questionar, mudar e criar.

Observamos também, um consenso crescente quanto à importância de se oportunizar em condições mais favoráveis ao desenvolvimento da criatividade. Nesse sentido pode-se lembrar o que Rogers (1959) ressaltava:

“Eu insisto em que há uma necessidade social desesperada dos comportamentos criativos por parte dos indivíduos... Em um tempo em que o conhecimento, construtivo e destrutivo, está avançando de forma acelerada em direção a uma era atômica fantástica, uma adaptação genuinamente criativa parece apresentar-se como a única possibilidade para o homem manter-se à altura das mudanças caleidoscópias de seu mundo...”
(ROGERS, 1959 p. 249/50).

A importância de se criar um espaço maior para a fantasia e para o jogo imaginário tem sido apontada como fundamental para o desenvolvimento psicológico da criança.

Jogos, brincadeiras, técnicas com arte, são algumas das estratégias para desenvolver a criatividade. Desenvolver a criatividade da criança deve ser sempre a nossa grande preocupação enquanto educadores. É muito importante que, usando todas as atividades possíveis em sala de aula estejamos sempre preocupados em estimular novas idéias.

2.2- Educação pelo movimento

Essa idéia de educação pelo movimento fundamenta-se principalmente na proposta de Jean Le Boulch: “Toda a educação pressupõem tomar decisões enquanto a finalidade da ação educativa. O objetivo por nós apontado é o de favorecer o desenvolvimento de um homem capaz de atuar num mundo em constante transformação por meio de um melhor conhecimento e aceitação de si mesmo, um melhor ajuste de sua conduta e uma verdadeira autonomia e acesso as suas responsabilidades no marco da vida social”. (Le Boulch, 1996, p. 74)

Dessa forma, por intermédio de sua ação sobre atitudes e movimentos corporais, a educação pelo movimento abrange ao ser total, ao homem como um todo já que o ato motor não ocorre isoladamente, pois, como foi dito anteriormente, o movimento só adquire significado dentro de um contexto, seja ele jogo, trabalho ou expressão.

Para Collello “A educação pelo movimento é uma educação psicomotora de base, que visa atingir a criança no plano afetivo e no desenvolvimento funcional, seja na capacidade de ajustamento, seja na organização dos campos exteroceptivos e proprioceptivo. Em outras palavras poderíamos afirmar que a educação pelo movimento visa conjugar os fenômenos motores intelectuais e afetivos garantindo ao homem possibilidades na aquisição instrumental e cognitiva, bem como na formação de sua personalidade.” (Collella, 1995, p.23)

Diversos autores, entre eles, Cratty(1975) apontam o corpo como meio de conhecimento para os demais aspectos. No início todo o conhecimento é motor, posteriormente divide-se em três ramos: o cognitivo,

o afetivo e psicomotor. Que para Le Boulch(1986) podem assim ser denominados: o saber fazer, o querer fazer e o poder fazer.

Tentando recuperar o fio da meada podemos dizer que o movimento é o meio de expressão fundamental das crianças na educação infantil, logo, todos os educadores têm obrigatoriedade de compreender esse movimento muito além. Portanto uma compreensão mais científica desse movimento faz-se necessária àquele que educa através dele.

Para Wallon, citado por Dantas(1992), o movimento pode ser de três tipo: reflexo, automático e voluntário.

Como o movimento reflexo, citamos a motricidade. A sua característica fundamental é a existência em função da auto preservação, é o movimento instintivo, a execução de um movimento reflexo independe da vontade e do comando cerebral.

Como movimento voluntário podemos definir aquela motricidade que exige o estabelecimento de um plano de ação, ou seja, a tomada de decisões, o planejamento da ação motora a avaliação dos resultados dessa ação e finalmente a leitura desses resultados acumulando-os em forma de experiências.

O movimento automático é uma segunda etapa do movimento voluntário este se repetido uma quantidade considerável de vezes realiza uma migração cerebral o que possibilitará o estabelecimento de novos planos de ação motora mais avançados.

O que é impossível conceber é a movimentação pelo simples fazer descontextualizado de uma situação de pensar como fazer do ponto de vista das crianças.

Compreendidos os tipos de movimentos, passamos a preocuparmos com: como esse movimento deve ser trabalhado?

Em algumas obras podemos encontrar duas linhas de trabalho que embora apresentem semelhanças distinguem-se nos seus objetivos: a educação do movimento e a educação pelo movimento.

Como educação do movimento compreende-se a realização de atividades motoras que visam o desenvolvimento das habilidades motoras, da capacidade física e das qualidades físicas. Portanto a educação do movimento prioriza o aspecto motor na formação do educando. No ambiente educacional esse trabalho pode ser distribuído ao longo de todo o período escolar.

A educação pelo movimento caminha além do componente motor, compreendendo os aspectos afetivos cognitivos e sociais.

A realização de atividades motoras inclinadas para a educação pelo ou através do movimento nos trará o desenvolvimento das relações afetivas, cognitivas e motoras, ou seja, sua principal fundamentação apresenta-se na alternativa orientadora para implementação de um programa de movimento motor na educação infantil.

CAPÍTULO III
A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO INFANTIL

Início esse capítulo com alguns registros da historiografia da educação infantil no Brasil com o intuito de contextualizar a trajetória da educação para as crianças de 0 a 6 anos, desde os seus primórdios até as últimas décadas do século XX, período no qual a educação das crianças de pouca idade no Brasil passa a ser um direito delas e não mais de suas mães. Por fim, algumas reflexões sobre a criança cidadã tem, ou pode ter, ou deveria ter no cotidiano das práticas educativas das educadoras de creches e pré-escolas no Brasil.

A educação de crianças pequenas aparece no século XVIII com características de filantropia. Já no século XIX, temos o trabalho com as crianças inspiradas na creche francesa para crianças pobres (assistencial), e propostas de inspiração alemã, jardim de infância, que no Brasil foram destinadas às crianças das camadas mais ricas da população.

Dos anos quinhentos até 1874, pouco se fazia no Brasil pela infância. O período de 1874 até 1899 é caracterizado pela existência de projetos elaborados que tratavam do atendimento à criança. Durante as duas primeiras décadas do século XX várias instituições foram fundadas e diversas leis promulgadas, visando atender à criança. É um período onde se intensificam os progressos no campo da higiene infantil, médica e escolar.

Em 1822, Rui Barbosa apresentou um projeto de reforma da instituição no país, no qual o jardim de infância era considerado como primeira etapa do ensino primário.

Até a Proclamação da República, em 1889, as iniciativas de proteção à infância foram orientadas ao combate das altas taxas de mortalidade infantil, com a criação de entidades de amparo. A abolição da escravidão(1888) no Brasil suscitou, de um lado, novos problemas concernentes ao destino dos filhos de escravos, concorrendo para o aumento do abandono de crianças.

No século XX, nas duas primeiras décadas, implantam-se as instituições de educação infantil assistencialistas. Em geral foram creches criadas junto às indústrias, tinham como proposta a guarda dos filhos das mulheres operárias. Mais do que uma proposta de atendimento à infância como um direito do trabalhador, as creches eram vistas como uma dádiva dos filantropos.

A comissão encarregada de realizar estudos e propor um anteprojeto para as diretrizes da educação encaminha, em novembro de 1948, o anteprojeto de LDB, à Câmara Federal.

Após 13 anos de idas e vindas, é votada e aprovada a LDB, lei 4024, em dezembro de 1961. A mencionada LDB refere-se à educação pré-primária para crianças menores de 7 anos, que receberiam educação em escolas maternas e jardins de infância.

Nos anos 70 surge no Brasil a pré-escola para salvar a escola. É um período no qual a pré-escola passa a ter como função predominante a preparação das crianças pobres para o ingresso no primeiro grau.

Em 1971 é aprovada a lei 5692 que dispõe que os sistemas de ensino velarão para que as crianças de idade inferior a 7 anos recebam conveniente educação em escolas maternas, jardins de infância e instituições equivalentes. É nessa década que surge o termo pré-escola na legislação sobre educação das crianças. 1979 o ano internacional da criança leva o tema infância para a mídia.

Nos anos 80 há um crescimento significativo das matrículas de educação pré-escolar. É incontestável que, na última década do século XX, a sociedade brasileira avançou no que diz respeito a assegurar, pelo menos no papel, os direitos das crianças. Com a promulgação da Constituição Federal e o estabelecimento de normas e diretrizes legais passou-se, pela

primeira vez em nossa história, a ter assegurados na lei e no espírito da mesma, os direitos para a infância.

No período que vai de 1988 até 2001 o ordenamento legal relacionado à educação das crianças pequenas, no Brasil, muda de maneira significativa as concepções de criança (0 a 6 anos) e educação infantil.

A Constituição Federal de 1988 destaca que a educação é direito de todos (art. 205) e coloca a educação infantil como um dever do Estado. Sendo um dever do Estado, a educação infantil passa, pela primeira vez no Brasil, a ser um direito da criança e uma opção da família.

Em 1990, foi aprovada a lei 8069/90 – O Estatuto da Criança e do Adolescente, que ficou conhecido como ECA. Esta lei contribuiu com a construção de uma nova forma de olhar a criança. A visão de criança cidadã.

Em 20 de Dezembro de 1996 é aprovada a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional- LDB no 9394/96. O que esta lei postula sobre educação infantil é assegurar para as crianças, na legislação brasileira, a partir de uma determinada concepção de criança e de educação infantil, uma educação de qualidade para a infância. A atual LDB reafirma que a educação para as crianças com menos de seis anos é a primeira etapa da Educação Básica.

Hoje o que mais tem incomodado os educadores e dirigentes da educação infantil é o que ficou determinado nas disposições transitórias da LDB.

Em 17 de Dezembro de 1998, a conselheira do Conselho Nacional de Educação – CNE, Câmara de Educação Básica, professora Regina Alcântara de Assis relata e aprova o parecer número 022/98 sobre as Diretrizes Curriculares Nacionais para a educação infantil, deixando claro

que além de nortear as propostas curriculares e os projetos pedagógicos, estabelecerão paradigmas para a própria concepção destes programas de cuidado e educação com qualidade.

3.1- O papel da educação e do educador

Chegamos ao lugar onde tudo acontece ou pelo menos deveria acontecer, a sala de aula. Lá estão os alunos certos de que mais um dia está começando e assim que o sinal tocar, eles certamente poderão voltar a ser crianças.

Entendendo o papel da educação na sociedade como a ciência capaz de suscitar a transformação social, é preciso que se definam quais as contribuições junto a outras instâncias da vida que ocasionam de fato estas transformações. Seguindo esta linha de pensamento, a educação deve ter uma visão global de seus alunos e propiciar a eles a construção e o acesso aos conhecimentos socialmente disponíveis.

É preciso que o objetivo maior da escola seja formar um cidadão autônomo, crítico, responsável e solidário.

O processo ensino – aprendizagem depende muito da motivação de educando. Considerar as suas necessidades e os seus interesses, oferecendo-lhe situações para incentivar sua participação nas atividades propostas favorecerá sua capacidade de construção do conhecimento, formação de idéias próprias e originais sobre os fatos, expressão e criação de forma convicta. Todos esses fatores irão favorecer a formação integral da personalidade da criança. Diante do exposto até agora podemos finalmente definir que um dos principais objetivos de ensinar brincando é proporcionar condições favoráveis para que se promova a construção do conhecimento integral do educando, levando em conta seus interesses suas necessidades e o prazer de ser sujeito ativo desta construção.

O papel do professor é somente o de ser o facilitador da aprendizagem e não mais o transmissor de conteúdos. É muito importante

que nós educadores tenhamos consciência da importância de criarmos “ambientes inteligentes”, além de reconhecer a inteligência em nosso sistema mente/corpo. O educador deve preocupar-se em desenvolver todas as possibilidades de seus alunos utilizando-se de todas as formas possíveis para oportunizar situações onde seus alunos aproveitem e sintam vontade de buscar. A sala de aula é um laboratório permanente.

Ao analisarmos o espaço de uma sala de aula de educação infantil, percebemos que existem mesas, cadeiras, jogos, cantinho do faz de conta... Lá as crianças cantam, pintam, desenharam, dramatizam, correm, pulam, trocam informações, ensinam umas às outras a solucionar seus problemas, enfim, vivem. Todos colocam em suas atividades os seus sentimentos e emoções. Ocorre uma integração perfeita entre os aspectos cognitivos, psicomotores, afetivos e sociais. Através das brincadeiras espontâneas e dirigidas, brincando e jogando, elas apreendem e aprendem o mundo que as cerca, incorporando as competências necessárias para o seu desenvolvimento.

Nem por isso os professores de educação infantil deixam de trabalhar os aspectos cognitivos necessários para que os alunos prossigam no processo ensino – aprendizagem. Embora ainda sejam estigmatizados, as escolas de educação infantil desenvolvem todas as competências curriculares coerentes com o nível de desenvolvimento de seus alunos. O professor media e oportuniza situações de aprendizagem, sempre procurando estimular o poder de criação das crianças, estimulando sua curiosidade, suas necessidades de buscar sempre mais do que aquilo que encontra ao seu alcance.

O trabalho do professor consiste em adaptar todas as necessidades dentro da sala de aula, escolhendo as atividades que os alunos mais gostam de fazer. Seduzi-los é a tarefa do educador, e, mais do que isso, deve ser um compromisso com a educação.

É possível sonhar, apaixonar-se pelo aprender. É possível preservar o gostinho de quero mais que tantas vezes podemos ver nas crianças da educação infantil principalmente quando dizem: “Mãe, eu não quero ir agora, deixa eu ficar só mais um pouquinho?”

Fica dentro de nós esta frase ecoando e a doce sensação de que conseguimos o principal: conquistamos nosso aluno para sempre!

CONCLUSÃO

As discussões feitas pelos pesquisadores que procuram entender o ato de brincar da criança pequena, a partir das teorias aqui presentes, vêm em auxílio dos profissionais que, atualmente, buscam revisar seus conceitos acerca do que é brincar, para a criança e como manter esse jogo no cotidiano infantil.

Com base em tais teorias verificamos que, ao brincar e ao jogar, a criança constrói o conhecimento. E, para isso, uma das qualidades mais importantes do jogo e do brinquedo é a confiança que a criança tem quanto à própria capacidade de encontrar soluções. Confiante, pode chegar as suas próprias conclusões de forma autônoma.

Assim, tanto o jogo quanto à brincadeira, como o brinquedo podem ser englobados em um universo maior, chamado de ato de brincar. Não devendo assim haver rigidez dos termos, pois se por um lado a discussão sobre os mesmos pode ampliar a perspectiva lúdica da prática pedagógica, por outro pode seccioná-la em hora do jogo ou hora da brincadeira.

Observa-se que brincar não significa simplesmente recrear-se, isso porque é a forma mais completa que a criança tem de comunicar-se consigo mesma e com o mundo.

Nesse brincar esta o pensamento, a verbalização, o movimento, gerando canais de comunicação.

A presente idéia vem ao encontro da crença de que a linguagem cultural própria da criança é o lúdico. A criança comunica-se através dele e, por meio dele, irá ser agente transformador, sendo o brincar um aspecto fundamental para chegar ao seu próprio desenvolvimento integral.

É através da atividade lúdica que a criança se prepara para a vida, assimilando a cultura do meio em que vive, a ele se integrando, adaptando-se às condições que o mundo lhe oferece e aprendendo a competir cooperar com seus semelhantes e conviver como um ser social.

Em suma, além de proporcionar prazer e diversão, o jogo, o brinquedo e a brincadeira, podem representar um desafio e provocar o pensamento reflexivo da criança. Cabendo ao educador instruir-se cada vez mais para que possa tornar-se capacitado a lidar com a diversidade do mundo lúdico e de seus alunos.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

ARIETE, Silvano – Creativity: the magic synthesis, New York: Basic Books, Inc, Publishers, 1979

COLELLO, Silvia. Alfabetização em questão. São Paulo, Graal, 1995.

CRATTY, Bryant. Inteligência pelo movimento. Rio de Janeiro, Difel, 1975.

CUNHA, Nylse Helena da Silva (1994) Brinquedoteca – Um mergulho no brincar. Rio de Janeiro: Maltese, 1994.

DA COSTA, Antonio Carlos G. – CASCINO, Pasquale – SAVIANI, Dermeval – Educador: novo milênio, novo perfil? SP. Paulus, 2000

DANTAS Heloisa, OLIVEIRA, Marta K. & TAILLE, Yves.
Piaget, Vygotsky e Wallon. São Paulo: Cortez, 1992.

FROMM, E – Escape from freedom, New York Rinehart and Winston, 1941.

KNELLER, G – Arte, ciência da criatividade, São Paulo: Ibrasa, 1978.

LAROUSSE, K. Pequeno dicionário enciclopédico Koogan Larousse. Rio de Janeiro: Larousse, 1982

LE BOULCH, Educação psicomotora. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.

REFERENCIAL CURRICULAR NACIONAL PARA EDUCAÇÃO INFANTIL.
Brasília, Ministério da Educação e do Desporto, Secretária de Educação e Desporto. Vol. 3, MEC / SEF, 1998.

VIRGOLIM, Ângela et alii, Criatividade, Expressão e Desenvolvimento, Petrópolis, Vozes, 1994, p. 49.

VYGOTSKY, Lev. Semenovich. A formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

VYGOTSKY, Lev. Semenovich. Pensamento e linguagem. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

WINNICOTT, D. W. O brincar e a realidade. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

WINNICOTT, D. W. A criança e seu mundo. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

ANEXO

FOLHA DE AVALIAÇÃO

Nome da Instituição:

Título da Monografia:

Autor:

Data da entrega:

Avaliado por:

Conceito:

Avaliado por:

Conceito:

Avaliado por:

Conceito:

Conceito Final: